A DOR AMAZÔNICA COMO FUNDAMENTO DEMOCRÁTICO DA SOCIEDADE POLÍTICA

Políticas Públicas e Projetos para Amazônia: Desafios, Sustentabilidades e Perspectivas, 1ª edição, de 21/06/2023 a 23/06/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-044-1

REIKDAL; Cleverton [1], PINTO; Ileziane da Silva Pinto [2], LOPES; Ronald [3]

RESUMO

O presente trabalho se inscreve na seção temática Direitos Humanos: Violações e Aplicações na Amazônia e tem o objetivo de pensar através de revisão bibliográfica uma saída da discriminação estrutural promovida pelo discurso do “nós contra eles”. O conceito de dor amazônica enquanto alicerce político democrático foi mobilizado para discutir essa saída e apontou para a relevância da pesquisa. A discriminação estrutural conduz a uma ideia de que todas as pessoas são merecedoras de lugares pré-determinados. A ausência ou a exclusão da pluralidade nos espaços públicos é uma consequência naturalizada do processo meritório e não uma violência discriminatória. Diferentes manifestos dos corpos desobedientes vêm oportunizando a compreensão de que algumas pessoas são tratadas como inimigas. Essa criação de manifestos designa, mas não cria, o ‘outro’ e o ‘eu’. Nesse processo textual ocorre uma declaração expressa de que os "outros” são vistos como ‘eus extermináveis’. Segundo Sueli Rolnik, os "outros" são caracterizados como inimigos perigosos devido a uma política de subjetivação promovida por regimentos militares, brancos, classistas, capacitistas, urbanos, machistas, sexistas e nacionalistas. Esses discursos enfatizam a ideia de que os ‘eus extermináveis’ querem roubar nossas terras, nossas riquezas minerais, empregos, destruir nossas famílias e tomar nossas vagas nas universidades. Essa governamentalidade de "eles e nós" dentro de uma perspectiva progressista não deve ser estimulada, pois ela produz violências contra o nós, que é a confluência de todos os ‘nossos eus’. O diferente não deve ser considerado perigoso ou um estrangeiro em nosso próprio reino. Para nos tornarmos "nós", precisamos de uma estrutura cultural, política e econômica que proporcione um território seguro, na escola, no trabalho, em todos os aspectos da vida cotidiana para todos os ‘eus’. Considerando a perspectiva republicana e democrática com objetivo de transformação social na redução das desigualdades, é urgente que tais questões sejam tratadas como políticas públicas para a manutenção da estrutura de organização a que o Estado brasileiro se propõe ser e se estabelecer. Ainda que constitucionalmente definido como tal, sabemos que a garantia de direitos fundamentais e sociais, assim como o usufruto efetivo dos direitos à educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social são constantemente ameaçadas diante às políticas de austeridade articuladas e pautadas pelo mercado e pelas ideologias conservadoras neoliberais. A construção de uma governança segura deve superar o pacto da branquitude, o regime político da heteronormatividade e a naturalização do corpo completo como saudável. O fracasso de Mombaça, Halberstam e Preciado, não é o do mérito, mas é a da episteme ontológica de que há um corpo e comportamentos ideais que nos conduzem a acolher nosso suposto lugar pela meritocracia. O fracasso, atribuído a determinados corpos, devasta subjetividades e cria fonte constante de política do ódio e da inimizade, logo, extermínio do diferente. Se hoje estamos nesse lugar é porque existe uma representação orientada no homem, branco,

[1] Universidade do Vale do Itajaí, tom.reik@gmail.com
[2] Universidade Federal de Rondônia, ileziane2@gmail.com
[3] Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ronald.lopes80@gmail.com

eurocêntrico, universal. Até mesmo em situações menos revoltosas, algo semelhante clama por atenção. Em uma obra escrita recentemente, Laymert Garcia dos Santos descreve minuciosamente o fascinante processo de criação da ópera intitulada "Amazonia – Teatro música em três partes", uma colaboração única entre os Yanomamis, um grupo de artistas alemães e outro composto por brasileiros. Neste relato, Laymert mergulha em detalhes sobre como essa fabulação artística foi concebida, destacando a função do encontro entre diferentes culturas. Os Yanomamis contribuíram com a ópera juntando sua sabedoria ancestral com os artistas alemães e brasileiros. O texto de Laymert Garcia dos Santos nos revela a intensidade das trocas culturais, as dificuldades superadas e a magia que envolveu cada etapa durante a montagem da ópera. Ao nos envolver nessa narrativa, somos convidados a apreciar a profundidade da colaboração do diferente, que resultou em uma experiência artística marcante. Peter Sloterdjik percebeu que, durante a montagem e realização da ópera, parecia que todos manifestaram uma “dor amazônica”, isto é, a dor de uma perda ou da iminência de uma perda. É como se o canto dos participantes buscasse o Uirapurú, mas a música estaria sujeita por uma situação de ameaça. Ouvir os Yanomamis é ouvir o que a floresta tem a dizer sobre o diferente. Qual a dor de cada humano ou não-humano carrega? Quais dispositivos expressivos ou não, é preciso ativar ou inventar para lhes dar voz como fundamento democrático de uma sociedade política? Referência BERNAUER, J. O Amazonas como ópera: onde artemídia e teatro musical contemporâneo se encontram como os rios Negro e Solimões”. In E. Bolle, E. Castro, M. Vejmelka (org.) Amazônia – Região universal e teatro do mundo. Ed. Globo, São Paulo, 2010, pp. 279-301. HALBERSTAM, J. A arte queer do fracasso. Libanio, Bhuvi. Recife: Cepe, 2020. MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. PRECIADO, Paul B. Um apartamento em Urano: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PALAVRAS-CHAVE: Discriminação, dor amazônica, política

[1] Universidade do Vale do Itajaí, tom.reik@gmail.com
[2] Universidade Federal de Rondônia, ileziane2@gmail.com
[3] Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ronald.lopes80@gmail.com